

# Mistérios de uma Mente Autista

Temple Grandin

---

Tradução: Pollyanna Mattos



---

Copyright © 2006 by Temple Grandin

Título original:  
*Thinking in Pictures – My Life with Autism*

Capa:  
Fabrício Passos

Tradução:  
Pollyanna Mattos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Grandin, Temple  
Mistérios de uma mente autista / Temple Grandin ;  
tradução Pollyanna Mattos. - Belo Horizonte, MG :  
Ed. do Autor, 2011.

Título original: Thinking in pictures : my life  
with autism.

1. Autistas - Pacientes - Biografia 2. Grandin,  
Temple I. Título.

11-00841 CDD-616.89820092

Índices para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Autistas : Biografia  
616.89820092

---

Todos os direitos reservados.

*Dedico este livro à minha mãe.  
Seu amor, dedicação e compreensão  
me permitiram ser bem sucedida.*

## SUMÁRIO

---

<b>NOTA DA AUTORA</b>	<b>5</b>
<b>PREFÁCIO</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 1: PENSANDO ATRAVÉS DE IMAGENS</b> <i>Autismo e pensamento visual</i>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 2: O GRANDE CONTINUUM</b> <i>Diagnosticando o autismo</i>	<b>46</b>
<b>CAPÍTULO 3: A MÁQUINA DO ABRAÇO</b> <i>Problemas sensoriais no autismo</i>	<b>74</b>
<b>CAPÍTULO 4: APRENDENDO EMPATIA</b> <i>Emoções e autismo</i>	<b>101</b>
<b>CAPÍTULO 5: AS COISAS COMO ELAS SÃO</b> <i>Desenvolvendo talentos autistas</i>	<b>120</b>
<b>CAPÍTULO 6: ACREDITANDO NA BIOQUÍMICA</b> <i>Medicamentos e novos tratamentos</i>	<b>144</b>
<b>CAPÍTULO 7: NAMORANDO DATA</b> <i>Autismo e relacionamentos</i>	<b>174</b>
<b>CAPÍTULO 8: A PERSPECTIVA DE UMA VACA</b> <i>Conexão com animais</i>	<b>190</b>
<b>CAPÍTULO 9: ARTISTAS E CONTADORES</b> <i>Uma compreensão do pensamento animal</i>	<b>209</b>
<b>CAPÍTULO 10: A PRIMA SEGUNDA DE EINSTEIN</b> <i>Ligação entre autismo e genialidade</i>	<b>230</b>
<b>CAPÍTULO 11: ESCADA PARA O CÉU</b> <i>Religião e crença</i>	<b>249</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS POR CAPÍTULO</b>	<b>272</b>

## NOTA DA AUTORA

---

Nestes dez anos posteriores à primeira publicação de *Mistérios de uma Mente Autista*, nosso entendimento sobre o autismo já mudou bastante. Naquela época, o diagnóstico da Síndrome de Asperger raramente era usado nos Estados Unidos, e hoje tem se tornado cada vez mais frequente. Nossos conhecimentos sobre medicamentos não estavam tão avançados e havia menos referências científicas disponíveis. Nesses dez anos, também aprendemos bastante sobre os diferentes tipos de pensamento dentro do espectro do autismo – nem todos os indivíduos autistas pensam através de imagens. Com o intuito de manter a obra tão atualizada e útil quanto possível, levei em consideração os novos estudos, diagnósticos e tratamentos para o autismo e escrevi algumas atualizações ao final de cada capítulo. O texto original não foi alterado e as seções atualizadas estão claramente assinaladas.

Temple Grandin  
04 de agosto de 2005

Em 1986, foi publicado um livro totalmente extraordinário, sem precedentes e, de certa forma, impensável: *Uma Menina Estranha*, de Temple Grandin. Sem precedentes porque nunca havia existido uma “narrativa interior” sobre o autismo; impensável porque, durante quarenta anos ou mais, havia um dogma entre os médicos de que não havia um “lado de dentro”, uma vida interior nas pessoas autistas ou, se existisse, teria um acesso ou uma expressão eternamente negados; extraordinário por causa de sua extrema (e estranha) objetividade e clareza. A voz de Temple Grandin veio de um lugar que antes nunca teve voz, um lugar cuja real existência nunca foi reconhecida – e ela não falou somente por si mesma, mas por milhares de outros adultos autistas, muitas vezes altamente talentosos, que estão no nosso meio. Ela nos fornece um vislumbre e, de fato, uma revelação de que podem existir pessoas, não menos humanas que nós, que construíram seus mundos e viveram suas vidas de maneiras quase inimaginavelmente diferentes.

A palavra “autismo” ainda carrega um significado fixo e espantoso para a maioria das pessoas – elas imaginam uma criança muda, se balançando, gritando, inacessível, fechada para o contato humano. E nós quase sempre falamos somente de crianças autistas, nunca de adultos autistas, como se essas crianças nunca crescessem, ou fossem misteriosamente expulsas do planeta e da sociedade. Ou, em vez disso, pensamos em um autista “savant”: um ser estranho com maneirismos bizarros e estereótipos, e ainda fechado para uma vida normal, mas com misteriosos poderes de calcular, memorizar, desenhar ou fazer qualquer outra coisa – como o autista “savant” retratado no filme *Rain Man*. Essas imagens não são completamente falsas, mas falham por não indicar que existem formas de autismo que não

---

<sup>1</sup> Oliver Sacks é um aclamado médico britânico, autor de *best-sellers* e professor de Neurologia e Psiquiatria na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.

tornam o indivíduo tão incapaz assim, mesmo que eles possam realmente ter formas de pensamento e percepção bastante diferentes do “normal”. Ao contrário disso, é possível que o autismo permita vidas cheias de acontecimentos e conquistas e também uma forma especial de coragem e perspicácia, principalmente se houver um alto nível de inteligência, entendimento e educação.

Isso foi bem observado por Hans Asperger, que descreveu essas formas “mais elevadas” de autismo em 1944; mas os artigos do Dr. Asperger, publicados na Alemanha, foram praticamente ignorados durante quarenta anos. Foi então que, em 1986, veio o surpreendente livro de Temple Grandin, *Uma Menina Estranha*. Seu livro, como um histórico médico, não só tem um forte e salutar efeito no pensamento médico e científico, permitindo (como já era de fato requerido) um conceito mais amplo e generoso sobre o que significaria ser “autista”, mas é também imensamente fascinante como um documento humano.

Dez anos se passaram desde que Temple escreveu seu primeiro livro, dez anos nos quais ela tem prosseguido na sua vida estranha, solitária, obstinada e dedicada – definindo seu próprio lugar como professora de comportamento animal e designer de equipamentos pecuários, lutando para que haja maior entendimento e um tratamento mais humano dado aos animais, lutando por uma compreensão mais profunda do autismo, lutando com o poder de imagens e palavras, lutando para entender essa espécie tão estranha – nós, os seres humanos – e para definir seu próprio valor e seu papel em um mundo que não é autista. E agora ela se aventura mais uma vez a escrever um livro (até então havia escrito artigos científicos e material para palestras). Ela nós dá esse novo livro, um novo ensaio narrativo, bem mais ponderado e integrado, que é *Mistérios de uma Mente Autista*.

Aqui podemos ver, e reviver, como foi para Temple, como criança, lidar com a sensação de sobrecarga de odores, sons e toques que ela não conseguia apagar; como ela gritava, ou se balançava sem parar, desconectada dos outros; ou, em uma crise repentina, como jogava fezes ao seu redor; ou como (com uma misteriosa concentração e um afastamento completo do mundo) ela se fixava por horas em um punhado de grãos de areia ou nas

curvas de suas digitais. Poderemos sentir o caos e o terror dessa criança amedrontada, a sensação iminente de que seria colocada em uma instituição, confinada, pela vida inteira. Teremos a impressão de adquirir, junto com ela, os primeiros e rudimentares sinais de fala, o sentido de linguagem como um poder misterioso com o qual ela poderia ganhar algum tipo de autocontrole, algum tipo de contato com os outros, alguma comunicação com o mundo. Reviveremos seus tempos de escola – seu fracasso total em entender ou ser entendida pelas outras crianças; seu intenso desejo e simultâneo medo do contato; seus devaneios bizarros com uma máquina mágica que poderia lhe prover contato físico, o abraço pelo qual ansiava, mas, de certa forma, não conseguia controlar completamente. Veremos o impacto de um notável professor de Ciências que foi capaz de reconhecer, por trás de todas as esquisitices e patologias, o potencial fora do comum dessa estranha estudante, e conseguiu canalizar suas obsessões em uma abertura para a sua vida como cientista.

Embora não possamos compreender completamente, poderemos também compartilhar a extraordinária paixão e empatia pelo gato que consomem Temple e que, pouco a pouco, fizeram dela uma autoridade mundial em psicologia e comportamento animal, uma inventora de aparelhos e instalações para lidar com gado e uma defensora fervorosa dos direitos dos animais (seu título original para este livro era *A Perspectiva de uma Vaca*). Teremos um vislumbre – talvez o menos imaginável de todos – de seu total espanto em relação à mente das outras pessoas, da sua falta de capacidade em decifrar as expressões e intenções dos outros e, ao mesmo tempo, de sua determinação por estudá-los, em nos estudar, científica e sistematicamente, estudar as pessoas “normais”, o nosso comportamento “alien”, como se ela fosse, nas suas próprias palavras, “uma antropóloga em Marte”.

Sentiremos tudo isso a despeito da total simplicidade e ingenuidade da escrita de Temple (ou talvez, em partes, até por causa disso), da sua curiosa modéstia e sua falta de modéstia, da sua incapacidade de rodeios ou truques de qualquer sorte.

É fascinante comparar *Mistérios de uma Mente Autista* com *Uma Menina Estranha*. A interferência de dez anos foi um

período de crescimento do reconhecimento profissional e das realizações para Temple – hoje ela viaja, dá consultoria e ministra palestras continuamente; seus equipamentos para o manejo de gado são usados no mundo inteiro. Sua autoridade no campo do autismo também aumentou (metade de suas palestras e publicações é dedicada a esse assunto). Escrever, no início, não foi uma tarefa fácil para ela, não porque lhe faltavam habilidades verbais, mas porque carecia de uma ideia de como a mente das outras pessoas funciona, dado que seus ouvintes eram diferentes dela, eles não eram privados de experiências, de associações e do conhecimento prévio que estava na sua mente. Havia estranhas descontinuidades na sua escrita, como, por exemplo, pessoas que entravam repentinamente na narrativa sem antes terem sido apresentadas ao leitor, ou referências casuais a eventos sobre os quais o leitor não tinha conhecimento, e mudanças confusas e repentinas de assunto. Psicólogos da área da cognição já disseram que as pessoas autistas carecem de uma “teoria da mente”, ou seja, carecem de qualquer tipo de percepção direta ou de uma ideia a respeito da mente alheia ou do estado mental das outras pessoas. Esses profissionais dizem que essa característica é o cerne das dificuldades autistas. O notável é que, depois desses dez anos desde que escreveu seu primeiro livro, Temple desenvolveu um apreço genuíno pelas outras pessoas e por suas mentes, suas sensibilidades e suas idiossincrasias. E isso se mostra em *Mistérios de uma Mente Autista*, e dá à obra uma vivacidade e um colorido raramente vistos em *Uma Menina Estranha*.

De fato, na primeira vez em que vi Temple, em agosto de 1993, achei-a tão “normal” à primeira vista (ou tão acostumada a simular a normalidade) que tive dificuldades em me dar conta de que era uma pessoa autista – mas durante o final de semana que estivemos juntos, seu autismo se mostrou de inúmeras maneiras. Quando fomos fazer um passeio, ela me confessou que nunca conseguiu entender *Romeu e Julieta* (“Nunca soube qual era a deles...” – dizia). Confessou também que ficava confusa com todos os tipos de sentimentos humanos complexos, como da vez em que um vingativo colega de trabalho tentou sabotar seu projeto. Ela disse: “Tive de aprender a suspeitar das pessoas. Tive

de aprender a fazer isso cognitivamente... Não conseguia ver a aparência de inveja na cara dele”.

Ela falou várias vezes do androide *Data* do seriado *Jornada nas Estrelas* e de como se identifica com ele como sendo “um ser puramente lógico” – agora, assim como ele, ela estava ansiosa por se tornar um ser humano. Vários tipos de características mais humanas tornaram-se acessíveis a Temple nesses dez anos. Entre elas, está a capacidade para o humor e até para subterfúgios, coisas que muitos achariam impossível de se ver em uma pessoa autista. Vi isso, por exemplo, quando ela quis me mostrar um dos currais que projetou e, para isso, me fez colocar um chapéu pesado e um macacão, dizendo: “Agora você parece um engenheiro sanitário”, e alegremente me fez passar, de forma clandestina, pelos seguranças.

Fiquei impressionado com sua conexão com o gado e sua grande capacidade de compreendê-lo. Impressionou-me também o semblante alegre e amoroso que ela tinha quando estava com os animais e, por outro lado, sua grande dificuldade em diversas situações envolvendo seres humanos. Também fiquei surpreso, enquanto caminhávamos, com a sua aparente incapacidade de experimentar algumas das emoções mais simples. “As montanhas são belas”, disse, “mas não me dão nenhuma sensação especial, a sensação que você parece apreciar... você olha para um riacho, para as flores e eu vejo o prazer que você sente ao olhar para essas coisas. Comigo isso não acontece”.

Enquanto nos dirigíamos ao aeroporto, antes de minha partida, fiquei surpreso mais uma vez com uma súbita revelação, uma revelação com uma moral e uma espiritualidade tão profundas que eu pensei que uma pessoa autista nunca pudesse ter. Temple estava dirigindo quando, subitamente, ela hesitou, lacrimejou e disse: “Não quero que meus pensamentos morram comigo. Quero ter feito alguma coisa... Quero saber que minha vida teve sentido... Estou falando sobre coisas bem do fundo do meu âmago”.

Nesses poucos (mas intensos) dias que passei com Temple, tive uma revelação (embora, de certa maneira, superficial e restrita) de como sua vida era cheia de sanidade, intensidade e profundas aspirações humanas.

Temple, agora com quarenta e sete anos, nunca deixou de refletir e explorar a sua própria natureza, a qual sente que é essencialmente concreta e visual (com as grandes vantagens e desvantagens que vêm com ela). Ela sente que pensar através de imagens lhe dá uma conexão especial com o gado e que seu modo de pensar, embora esteja em um nível bem mais avançado, é semelhante ao desses animais. Ela sente que, de certa forma, vê o mundo com os olhos de uma vaca. Desse modo, embora Temple frequentemente compare sua mente a um computador, ela firma suas raízes – e as raízes de seu jeito de pensar e sentir – nos animais e nas coisas orgânicas. Seus audaciosos capítulos sobre sensações e autismo, emoções e autismo, relacionamentos e autismo, genialidade e autismo, religião e autismo, podem parecer estranhamente colocados ao lado de seus capítulos sobre “conexão com os animais” e “compreensão do pensamento animal”, mas, para Temple, existe claramente um contínuo de experiências que se estendem do animal para o espiritual, do bovino para o transcendental.

Ela sente que pensar através de imagens representa um modo de perceber, sentir, pensar e ser que podemos até chamar de “primitivo”, se quisermos, mas não de “patológico”.

Temple não vê o autismo sob uma perspectiva romântica, nem minimiza o quanto ele a privou da vida social, dos prazeres, das recompensas, das companhias, de tudo que, para a maioria de nós, significa boa parte da vida. Mas ela tem uma noção forte e otimista de quem é e do seu valor, e de como o autismo, paradoxalmente, pode ter contribuído para isso. Em uma palestra recente, ela terminou dizendo: “Se eu pudesse estalar meus dedos e deixar de ser autista, não o faria, porque daí eu não seria eu mesma. O autismo é parte do que sou”. Se Temple é profundamente diferente da maioria de nós, ela não é menos humana por causa disso, mas sim, humana de outro jeito. Finalmente, *Mistérios de uma Mente Autista* é um estudo de busca de identidade. É um livro profundamente comovente e fascinante, pois fornece uma ponte entre o nosso mundo e o dela, e nos permite vislumbrar uma espécie de mente extremamente diferente.

# Mistérios de uma Mente Autista

## CAPÍTULO 1

### **PENSANDO ATRAVÉS DE IMAGENS**

---

#### *Autismo e pensamento visual*

Penso através de imagens. As palavras são como uma segunda língua para mim. Traduzo palavras, tanto escritas quanto faladas, em filmes coloridos e com som que funcionam como uma fita cassete na minha cabeça. Quando alguém fala comigo, as palavras são instantaneamente traduzidas em imagens. Pessoas que pensam através da linguagem verbal geralmente acham esse fenômeno difícil de entender. No entanto, no meu trabalho como projetista de equipamentos para empresas pecuárias, o pensamento visual é uma grande vantagem.

O pensamento visual me permitiu construir sistemas inteiros na minha imaginação. Durante minha carreira, já projetei todos os tipos de equipamentos pecuários, que vão desde currais para manejo de gado em pequenos ranchos até sistemas para lidar com o rebanho em procedimentos veterinários e abate. Já trabalhei para muitas das grandes empresas do ramo da pecuária. Na verdade, um terço do gado bovino e suíno nos Estados Unidos é manipulado em equipamentos que projetei. Algumas das pessoas para as quais já trabalhei sequer sabem que o sistema que usam foi projetado por uma pessoa com autismo. Prezo muito minha capacidade de pensar visualmente e não quero perdê-la nunca.

Um dos mistérios mais profundos do autismo é a capacidade notável que a maioria dos autistas tem de se sobressair em habilidades espaço-visuais e ao mesmo tempo ter um desempenho tão pobre em habilidades verbais.

Durante minha infância e adolescência, achava que todo mundo pensava através de imagens. Não fazia a mínima ideia de que meus pensamentos se processavam de maneira diferente. Na verdade, nunca me dei conta da verdadeira dimensão das diferenças até muito recentemente. No trabalho e em reuniões, comecei a me dirigir a outras pessoas e fazer perguntas detalhadas a respeito da maneira como acessam informações na

sua memória. A partir das respostas que obtive, descobri que minha capacidade de visualização ultrapassava largamente a capacidade das outras pessoas.

Minhas habilidades de visualização me ajudam a entender os animais com os quais trabalho. No início de minha carreira, usava uma câmera para me ajudar a captar a perspectiva dos animais enquanto passavam por um corredor para procedimentos veterinários. Eu me ajoelhava e tirava fotos do corredor sob a altura dos olhos de uma vaca. Usando as fotos conseguia descobrir coisas que amedrontavam o gado, como sombras e reflexos da luz do sol. Naquela época, eu usava filme preto e branco, já que vinte anos atrás cientistas acreditavam que bois e vacas não enxergavam cores. Atualmente, pesquisas já mostraram que esses animais conseguem enxergar cores. Mesmo assim, as fotos proporcionaram a vantagem exclusiva de ver o mundo através da perspectiva de uma vaca. As fotos me ajudaram a descobrir por que os animais se recusavam a passar por um determinado corredor, mas passavam por outro de bom grado.

A solução para cada um dos problemas de *design* que já resolvi começou com a minha habilidade de visualizar e enxergar o mundo em imagens. Comecei a fazer projetos quando era criança, quando estava sempre experimentando novos tipos de pipa e modelos de avião. No Ensino Fundamental, fiz um helicóptero com um avião de madeira balsa quebrado. Quando eu girava a hélice, o helicóptero subia cerca de 30 metros. Também fazia pipas em formato de pássaros e as empinava com minha bicicleta. As pipas eram feitas com uma única folha grossa de papel de desenho e eram empinadas com linha. Eu experimentava formas diferentes de dobrar as asas para melhorar o desempenho do voo. Dobrar a ponta das asas para cima fazia a pipa voar mais alto. Trinta anos depois, essa mesma adaptação começou a aparecer em aviões comerciais.

Agora, no meu trabalho, antes de tentar qualquer tipo de construção, testo e ponho tudo à prova na minha imaginação. Visualizo meus projetos sendo usados em cada uma das situações possíveis, com gado de diferentes tamanhos e raças e sob condições climáticas diferentes. Fazer isso me permite corrigir erros antes da construção. Hoje, todo mundo está animado com os

novos sistemas computacionais com realidade virtual, que permitem que o usuário, ao usar óculos especiais, fique completamente imerso na ação de videogames. Para mim, esses sistemas são como desenhos mal feitos. Minha imaginação funciona como os programas de computação gráfica que criaram os dinossauros baseados na realidade em *Jurassic Park*. Quando faço a simulação de um equipamento na minha imaginação ou trabalho em um problema de engenharia, é como se estivesse assistindo a uma fita de vídeo em minha mente. Colocando-me acima ou abaixo do equipamento e fazendo-o girar ao mesmo tempo, consigo vê-lo de qualquer ângulo. Não preciso de um programa gráfico sofisticado que seja capaz de produzir simulações de desenhos tridimensionais. Sou capaz de fazê-lo melhor e mais rápido na minha cabeça.

Pegando pequenos pedaços de imagens que tenho na minha videoteca mental e os ajuntando, crio novas imagens o tempo todo. Tenho vídeos em minha memória com cada um dos itens com que um dia já trabalhei: aço, portões, cercas, trincos, paredes de concreto e assim por diante. Para criar novos projetos, recupero peça por peça da minha memória e as combino em um novo conjunto. Minha habilidade para o desenho melhora continuamente conforme adiciono novas imagens à minha biblioteca. Acrescento novas imagens de vídeo tiradas tanto de experiências reais quanto de informações escritas traduzidas em imagens. Consigo visualizar o funcionamento de coisas como bretes de contenção (cabine onde o gado é colocado para tratamento veterinário), rampas para caminhões de carga e todos os diferentes equipamentos da indústria pecuária. Quanto mais trabalho de forma concreta com gado e opero os equipamentos, mais fortes minhas memórias fotográficas se tornam.

A primeira vez que usei minha videoteca mental foi em um dos meus primeiros projetos pecuários, quando criei uma banheira de imersão e uma instalação para tratamento de gado no confinamento do ator John Wayne, no Arizona. Banheira de imersão é uma piscina longa e estreita, com aproximadamente dois metros de profundidade, na qual o gado se movimenta em fila indiana. A água contém pesticida para livrar o gado de carrapatos, piolhos e outros parasitas externos. Em 1978, os

projetos de banheira de imersão existentes eram muito pobres. Frequentemente, os animais entravam em pânico porque eram forçados a deslizar até a banheira por uma rampa íngreme e escorregadia de concreto. Eles se recusavam a pular e, algumas vezes, caíam com as patas para cima e se afogavam. Os engenheiros que projetaram a rampa nunca se colocaram a pensar por que o gado ficava tão amedrontado.

A primeira coisa que fiz quando cheguei ao curral foi me colocar dentro da cabeça dos animais e observar através de seus olhos. Como os olhos de bovinos ficam na parte lateral da cabeça, seu ângulo de visão é ampliado. Portanto, foi como se eu estivesse andando pelas instalações com uma câmera de vídeo com lente grande angular. Eu havia dedicado seis anos estudando a maneira como bovinos enxergam o mundo e observando milhares de seus movimentos em diferentes instalações por todo o Arizona, então foi imediatamente óbvio para mim por que eles estavam amedrontados. Provavelmente, aqueles animais deviam se sentir como se estivessem sendo forçados a saltar por um tobogã de emergência de um avião e cair direto no oceano.

Bois e vacas ficam amedrontados com contrastes fortes entre claro e escuro e também com pessoas ou objetos que se movem de repente. Já vi animais que eram tratados em duas instalações idênticas e que caminhavam facilmente por uma e recuavam diante da outra. A única diferença entre as duas instalações era a orientação do sol. O gado se recusava a passar pelo corredor em que o sol formava sombras recortadas. Até eu fazer essa observação, nenhum profissional da indústria agropecuária tinha sido capaz de explicar porque uma instalação veterinária funcionava melhor do que a outra. Foi uma questão de observar um pequeno detalhe que fazia uma grande diferença. Para mim, o problema com a banheira de imersão era ainda mais óbvio.

Para desenvolver um sistema melhor, meu primeiro passo foi coletar todas as informações publicadas sobre as banheiras de imersão já existentes. Antes de fazer qualquer coisa, sempre verifico o que é considerado mais avançado, daí não perco tempo reinventando a roda. Voltei-me, então, para publicações na área da pecuária, o que em geral era muito escasso, e também para a

minha biblioteca de memórias em vídeo. Tudo que encontrei foram projetos ruins. Minha experiência na criação de outros tipos de equipamentos, tais como rampas para carga e descarga de caminhões, havia me ensinado que os animais descem de bom grado uma rampa que tenha garras que proporcionem uma superfície segura e livre de escorregões. Deslizar faz com que o gado entre em pânico e recue. O desafio era criar uma entrada que incentivasse o gado a descer voluntariamente e mergulhar na água, a qual estaria a uma profundidade suficiente para submergi-los completamente, de modo que todos os parasitas, inclusive os que estivessem à altura das orelhas, fossem eliminados.

Comecei a executar simulações de imagens tridimensionais na minha imaginação. Fiz experimentos com projetos diferentes de entrada e fiz com que o gado passasse por elas em minha imaginação. Três imagens se fundiram para formar o projeto definitivo: a lembrança de uma banheira de imersão em Yuma, no Arizona; uma banheira portátil que eu havia visto em uma revista; e a rampa de entrada de um dispositivo de imobilização do frigorífico Swift, em Tolleson, Arizona. A nova entrada da banheira de imersão era uma versão modificada daquela rampa. Meu projeto continha três elementos que nunca haviam sido usados antes: uma entrada que não amedrontaria os animais, um sistema mais avançado de filtragem química e o uso dos princípios de comportamento do próprio animal para evitar que o rebanho ficasse agitado ao sair da banheira.

A primeira modificação que fiz foi substituir o piso da rampa: de aço para concreto. O projeto final tinha uma rampa de concreto com um declínio de 25 graus. Sulcos profundos no concreto proporcionavam segurança ao piso. A rampa parecia entrar gradualmente na água, mas na realidade caía abruptamente numa vala abaixo da superfície. Os animais não conseguiam ver a vala porque os produtos químicos imersos escureciam a água. Uma vez que pisavam na água, os animais caíam suavemente, pois seu centro de gravidade já havia passado o ponto de não-retorno.

Antes que a banheira fosse construída, testei o projeto da entrada várias vezes na minha imaginação. Muitos dos peões daquele confinamento eram céticos e não acreditavam que meu

projeto iria funcionar. Depois de construído, modificaram-no pelas minhas costas, pois estavam seguros de que estava errado. Colocaram uma chapa metálica sobre a rampa antiderrapante, restaurando, assim, o modelo antigo da entrada em forma de escorregador. No primeiro dia que usaram a rampa modificada, dois animais se afogaram depois de entrarem em pânico e caírem com as patas para cima.

Assim que vi a chapa metálica, fiz com que os peões a retirassem. Eles ficaram boquiabertos ao ver que a rampa passou então a funcionar perfeitamente. Cada bezerro descia caminhando até a vala e era submerso suavemente pela água. Refiro-me carinhosamente a esse projeto como “o gado caminhando sobre as águas”.

Ao longo dos anos, tenho observado que muitos fazendeiros e tratadores acham que a única maneira de conduzir o rebanho até uma instalação de manejo é forçando-o a fazê-lo. Algumas vezes, proprietários e gerentes de confinamentos têm dificuldade em entender que, se equipamentos como banheiras de imersão e currais forem desenhados adequadamente, o rebanho caminhará voluntariamente até eles. Posso imaginar a sensação dos animais. Se eu tivesse o mesmo corpo e casco de um bezerro, ficaria bastante assustada ao caminhar por uma rampa escorregadia de metal.

Ainda havia problemas que precisavam ser resolvidos em relação à saída dos animais da banheira de imersão. A plataforma de saída é, em geral, dividida em dois compartimentos, de modo que o gado possa se secar de um lado enquanto o outro está sendo preenchido. Ninguém entendia por que algumas vezes os animais ficavam agitados ao sair da banheira. Acabei descobrindo que a agitação se devia ao fato de os animais desejarem seguir seus companheiros que já estavam secos em direção à saída, assim como crianças separadas de seus colegas de classe no pátio da escola. Instalei, então, uma barreira sólida entre os dois compartimentos, impedindo que os animais se vissem. Foi uma solução muito simples. Fiquei admirada por ninguém ter pensado nisso antes.

O sistema que desenvolvi para filtrar e tirar pelos de animais e outros resíduos da banheira foi baseado no sistema de

filtragem de piscinas. Minha imaginação escaneou dois sistemas de filtragem de piscina que eu já tinha operado: um no rancho de minha tia Brecheen, no Arizona, e outro na casa da minha família. Para evitar que a água respingasse para fora da banheira, copiei o modelo de beira de concreto usado em piscinas. Assim como muitos dos meus melhores projetos, essa ideia me veio claramente à cabeça um pouco antes de eu cair no sono à noite.

Como sou autista, não assimilo naturalmente as informações que a maioria das pessoas considera pressupostas. Em vez disso, armazeno informações na minha cabeça como se ela fosse um CD-ROM. Quando me lembro de alguma coisa que já aprendi, reproduzo o vídeo na minha imaginação. Meus vídeos mentais são sempre específicos. Por exemplo, lembro-me de ter manipulado o gado numa instalação veterinária no confinamento da empresa *Producer* ou na *Indústria Pecuária McElhaney*. Lembro-me exatamente de como os animais se comportaram naquela ocasião específica e como os equipamentos solicitados foram construídos. A forma exata como as vigas e barras de aço foram feitas em cada um dos casos também faz parte das minhas memórias fotográficas. Consigo acessar essas imagens repetitivamente e estudá-las até resolver o problema de um projeto.

Quando deixo que minha mente vagueie, aparece um vídeo com uma espécie de associação livre que vai desde a estrutura de uma cerca, passando por uma loja específica de soldagem, onde vi vigas sendo cortadas, até chegar ao velho John, o soldador, construindo portões. Se continuar pensando no velho John soldando portões, as vídeoimagens mudam para uma série de pequenas cenas de construção de portões em vários projetos nos quais já trabalhei. Nesse modo associativo, cada memória em vídeo leva a outra e meus devaneios podem me levar para bem longe do problema inicial que pretendia resolver. A imagem seguinte pode ser do tempo bom que passei ouvindo o velho John e seus ajudantes contando “histórias de guerra”, como da vez em que a escavadeira cavou um ninho de cobras e acabou abandonada por duas semanas porque todos estavam com medo de se aproximar.

Esse processo de associação é um bom exemplo de como minha mente pode desviar do assunto. Pessoas com grau mais elevado de autismo têm dificuldade de interromper esse tipo de associações infinitas. No meu caso, consigo interrompê-las e colocar minha mente nos trilhos novamente. Quando preciso resolver o problema de um projeto e me pego devaneando longe demais, simplesmente digo a mim mesma que preciso voltar à questão inicial.

Entrevistas com autistas adultos que têm bom desenvolvimento da fala e são capazes de articular sobre seus processos de pensamento indicam que a maioria deles também pensa através de imagens. Pessoas afetadas mais severamente, aquelas que são capazes de falar mas não de explicar a maneira como pensam, têm padrões de pensamento altamente associativo. Charles Hart, autor da obra *Without Reason*, um livro sobre seu filho e irmão autistas, resume o pensamento de seu filho em uma frase: “Os processos de pensamento de Ted não são lógicos, são associativos”. Isso explica a seguinte afirmação de Ted: “Não tenho medo de aviões, por isso eles voam tão alto”. Na sua mente, aviões voam alto porque ele não tem medo deles. Ele junta duas informações: que aviões voam alto e que ele não tem medo de altura.

Outro indicador do pensamento visual como método primordial de processamento de informação é a habilidade notável que muitos autistas têm de montar quebra cabeças, orientar-se dentro de uma cidade e memorizar quantidades enormes de informação de uma só vez. No meu caso, meus padrões de pensamento são semelhantes aos que são descritos por A. R. Luria, na sua obra *The Mind of a Mnemonist*. Esse livro conta a história de um jornalista que conseguia realizar verdadeiras proezas com sua memória. Assim como eu, esse homem guardava imagens mentais de tudo o que ouvia ou lia. Luria relata que “quando ouvia ou lia uma palavra, ele instantaneamente a convertia em uma imagem mental do objeto ao qual a palavra correspondia para ele”. O grande inventor Nikola Tesla também pensava através de imagens. Quando projetava turbinas para a produção de energia elétrica, ele construía cada uma das peças na sua cabeça, operava o

equipamento na sua imaginação e corrigia-lhes os defeitos. Dizia que não importava se a turbina tinha sido testada na sua mente ou na sua oficina, o resultado seria o mesmo.

No início de minha carreira, tive brigas com outros engenheiros em estabelecimentos frigoríficos. Não entendia como podiam ser tão tolos de só ver os erros de um projeto quando o equipamento já estava instalado. Agora me dou conta de que não era tolice, mas falta de habilidades visuais. Eles literalmente não conseguiam ver. Uma vez fui demitida de uma empresa que fabricava equipamentos frigoríficos porque briguei com um dos engenheiros por causa de um projeto que, eventualmente, causou a queda do trilho de um transportador de cabo aéreo que levava 540 Kg de carcaça de boi. À medida que era descarregada, a carcaça caía de uma altura de cerca de um metro até ser aparada abruptamente por uma corrente presa a um carrinho do cabo aéreo. Na primeira vez que o equipamento foi usado, o trilho se desprendeu do teto. Para consertá-lo, os funcionários prenderam-no com mais segurança e instalaram mais braçadeiras. Mas isso só resolveu o problema temporariamente, pois a força que as carcaças exerciam nas correntes era muito grande. Fortalecer o trilho significava tratar um sintoma do problema, não a sua causa. Tentei alertá-los; aquilo era como se estivessem dobrando cliques de papel para frente e para trás várias vezes. Uma hora quebra.

## **Formas diferentes de pensar**

A ideia de que as pessoas possuem diferentes padrões de pensamento não é nova. Em seu livro *Inquiries into Human Faculty and Development*, Francis Galton declarou que, enquanto algumas pessoas veem imagens mentais vívidas, para outras “as ideias não são concebidas como imagens mentais, mas como símbolos de fatos. Pessoas com baixa capacidade de armazenar imagens poderiam se lembrar de sua mesa de café da manhã, mas não seriam capazes de vê-la”.

Somente depois que entrei para a faculdade, pude perceber que algumas pessoas são completamente verbais e pensam somente através de palavras. Minha primeira suspeita veio quando li um artigo de uma revista de ciência falando sobre

o desenvolvimento do uso de ferramentas entre os homens pré-históricos. Alguns cientistas renomados especulavam que os seres humanos tiveram de desenvolver linguagem antes que pudessem desenvolver ferramentas. Achei aquilo ridículo, então esse artigo me deu a primeira suspeita de que meus processos de pensamento eram realmente diferentes daqueles da maioria das pessoas. Quando invento alguma coisa, não uso linguagem. Existem outras pessoas que pensam através de imagens vividamente detalhadas, mas a maioria pensa em combinação de palavras somadas a imagens vagas e genéricas.

Por exemplo, quando leem ou escutam a palavra “campanário”, em vez de enxergarem a imagem de uma igreja ou de uma torre específicas, muitas pessoas veem a imagem genérica de uma igreja. Seus padrões de pensamento passam de um conceito geral a exemplos específicos. Costumava ficar muito frustrada quando alguém com padrão de pensamento verbal não entendia o que eu tentava dizer por não conseguir enxergar uma imagem que para mim era perfeitamente clara. Além disso, minha mente revê constantemente conceitos gerais conforme adiciono novas informações à minha biblioteca mental. É como obter a nova versão de um programa de computador. Minha mente aceita prontamente o novo programa. No entanto, tenho observado que algumas pessoas não aceitam facilmente novas informações.

Ao contrário da maioria das pessoas, meus pensamentos passam de imagens específicas em vídeo para conceitos e generalizações. Por exemplo, meu conceito de cachorro está intimamente ligado a cada um dos cães que já conheci. É como se eu tivesse um catálogo com as fichas de cada um dos cachorros que já vi, o qual cresce continuamente à medida que adiciono mais exemplos à minha videoteca. Se pensar em um Dogue Alemão, a primeira imagem que me vem à cabeça é a de Dansk, o Dogue Alemão do diretor da escola onde cursei o Ensino Médio. Em seguida, vem a imagem de Helga, a Dogue Alemã que substituiu Dansk; depois vejo o cachorro de minha tia, no Arizona; e, por último, vem à minha mente uma propaganda de capas para assentos de automóveis em que aparecia um cão dessa mesma raça. Geralmente, as lembranças aparecem na minha imaginação em ordem estritamente cronológica e são sempre

específicas. Não há nenhuma imagem genérica de um Dogue Alemão que represente todos.

No entanto, nem todas as pessoas com autismo pensam de maneira marcadamente visual, nem processam informações dessa mesma forma. As pessoas do mundo inteiro estão num continuum de habilidades visuais que varia desde um nível quase nulo, passando pela capacidade de enxergar imagens vagas e generalizadas e depois imagens semiespecíficas até chegar, como no meu caso, ao nível de visualização de imagens bastante específicas.

Estou sempre formando novas imagens visuais quando invento um novo equipamento ou quando penso em algo novo ou prazeroso. Consigo pegar imagens que já vi, reorganizá-las e criar outras novas. Por exemplo, posso imaginar como uma banheira de imersão seria modelada em computação gráfica usando a lembrança que tenho da tela do computador de um amigo. Como seu computador não é programado para gerar desenhos sofisticados, com rotação em 3-D, uso gráficos computadorizados que já vi na TV ou no cinema e os sobreponho na minha memória. Na minha imaginação visual, a banheira aparecerá em gráficos com nível de qualidade tão alto quanto aqueles que aparecem em *Jornada nas Estrelas*. A partir daí, posso pensar em uma banheira específica, como a do confinamento do ator John Wayne, e redesenhá-la na tela de computador dentro de minha mente. Dentro dessa tela, a imagem sairá como o esqueleto tridimensional de um desenho animado, o qual eu poderia, inclusive, duplicar ou usar como base para imaginar um videotape da banheira real.

De maneira similar, aprendi a criar projetos de engenharia observando de perto o trabalho de um desenhista muito talentoso com quem trabalhei em uma empresa que construía confinamentos de gado. David era capaz de criar os desenhos mais fabulosos sem nenhum esforço. Depois que deixei a empresa, fui forçada a fazer meus próprios desenhos. Estudando os desenhos de David por várias horas e fotografando-os mentalmente, acabei conseguindo imitar seu estilo. Quando fiz meu primeiro projeto, espalhei alguns de seus desenhos na mesa para que pudesse observá-los. Fiz um plano diferente, mas copiei

seu estilo. Depois de três ou quatros projetos, não precisei mais usar modelos. A essa altura, minha memória em vídeo já estava completamente programada. Copiar desenhos é uma coisa, mas depois que desenhei os projetos para a fazenda de John Wayne, não conseguia acreditar que eu os tinha feito. Na época, pensei que tinha sido uma dádiva de Deus. Outro fator que me ajudou a aprender a desenhar bem foi bastante simples: eu usava os mesmos instrumentos que David. Usava a mesma marca de lápis, e as régua me forçavam a ir devagar, o que me permitiu guardar as imagens na minha imaginação.

Minhas habilidades artísticas se manifestaram enquanto cursava a primeira e segunda séries. Tinha bons olhos para cores e costumava fazer pinturas em aquarela. Uma vez, na quarta série, fiz um lindo cavalo de argila. Eu o modelei espontaneamente, embora não conseguisse reproduzi-lo. Durante o Ensino Médio e a faculdade, nunca tentei fazer desenhos técnicos, mas aprendi a importância de desenhar devagar numa aula de arte da faculdade. Nossa tarefa consistia em passar duas horas desenhando um dos pés de nossos sapatos. O professor insistiu que dedicássemos as duas horas completas desenhando o sapato. Fiquei impressionada ao ver o quanto meu desenho ficou bom. Enquanto minhas tentativas iniciais de desenho técnico ainda eram ruins, sempre que tentava copiar David, eu automaticamente desenhava mais devagar.

## **Processamento de informação não-visual**

Autistas têm dificuldade para entender aquilo que não pode ser pensado através de imagens. As palavras mais fáceis de aprender para uma criança autista são os substantivos, porque se relacionam diretamente a imagens. As crianças autistas altamente verbais, como era o meu caso, algumas vezes conseguem aprender a ler através de fonemas. As palavras escritas eram abstratas demais para que eu pudesse me lembrar. No entanto, conseguia me lembrar, com algum esforço, de aproximadamente cinquenta fonemas e de algumas regras. Crianças mais afetadas pelo autismo geralmente aprendem melhor por associação, com a ajuda, por exemplo, de rótulos colados em cada um dos objetos

que as rodeiam. Nos casos ainda mais graves, algumas crianças aprendem com mais facilidade se cada uma das letras for feita de plástico, de modo que possam tocá-las.

Palavras espaciais como “acima” e “abaixo” não faziam nenhum sentido para mim até eu conseguir uma imagem mental para fixá-las na minha memória. Até hoje, quando ouço a palavra “abaixo” isolada, automaticamente me imagino entrando embaixo das mesas da cantina da escola durante os treinamentos contra ataque aéreo, uma prática comum na costa leste dos Estados Unidos durante o início da década de 1950. A primeira lembrança que uma palavra isolada me traz é quase sempre relacionada à infância. Consigo me lembrar da professora nos instruindo a permanecer calados e caminhar em fila única até a cantina, onde grupos de seis ou oito crianças se agachavam embaixo de cada mesa. Se prossigo nesse trem de pensamentos, mais e mais lembranças associativas relacionadas ao Ensino Fundamental irão surgir. Lembro-me da professora me xingando por ter batido no Alfred depois de ele ter colocado terra no meu sapato. Todas essas lembranças rodam como se fossem uma fita de vídeo na minha imaginação. Se deixo que minha mente siga associando, ela viajará a milhas e milhas de distância da palavra “abaixo” em si. Imagino, por exemplo, submarinos abaixo do Antártico e a canção *Yellow Submarine*, dos Beatles. Se deixar que minha mente se detenha na imagem do submarino amarelo, passo a ouvir a música. À medida que começo a cantarolá-la baixinho e chego à parte que fala de pessoas embarcando, minha associação muda para a rampa de um navio que vi na Austrália.

Também visualizo verbos. A palavra “pular”, por exemplo, desperta a lembrança das barreiras da corrida de obstáculos nas Olimpíadas do colégio. Advérbios geralmente me despertam imagens incorretas: o advérbio *quickly* (rapidamente), por exemplo, me faz lembrar do achocolatado *Nestlé Quick*, a menos que esteja ligado a um verbo, o que mudará minha imagem mental. Por exemplo, a frase “ele corria rapidamente” desperta uma imagem animada de Dick, o personagem de um livro que li na primeira série, correndo rapidamente. Já a sentença “ele andava devagar”, faz com que a imagem de Dick fique mais lenta. Quando era criança, omitia palavras como “é”, “o” e “isso”

porque elas não tinham nenhum sentido isolado. Da mesma forma, palavras como “de” e o artigo “um” não faziam nenhum sentido. Com o tempo, aprendi a usá-las corretamente, pois meus pais sempre falaram de maneira correta e eu imitava sua forma de falar. Mas até hoje, certas conjugações verbais, como a do verbo “ser”, são completamente sem sentido para mim.

Quando leio, traduzo palavras escritas em filmes a cores ou simplesmente fotografo mentalmente a página escrita para que eu possa ler depois. Quando quero acessar esse material, vejo uma fotocópia da página em questão dentro da minha imaginação. Posso então lê-la como se estivesse olhando para um *teleprompter* (aquele equipamento acoplado a câmeras de TV para exibir o texto e ser lido pelo apresentador). É provável que Raymond, o autista “savant” retratado no filme *Rain Man*, usasse essa mesma estratégia para decorar catálogos de telefones, mapas e outras informações. Ele simplesmente fotocopiava cada uma das páginas do catálogo para dentro de sua memória e quando quisesse achar um determinado número tudo que precisava fazer era rastrear as páginas da lista que estava em sua mente. Para puxar informações de minha mente, tenho que reproduzir o vídeo. Acessar fatos de maneira rápida às vezes é difícil, pois tenho que assistir a pedaços de diversos vídeos até achar a fita certa, e isso leva tempo.

Quando não consigo converter um texto em imagens, geralmente é porque não há um sentido concreto. Alguns livros de Filosofia e alguns artigos sobre o mercado futuro do setor da pecuária são simplesmente incompreensíveis. Entendo com muito mais facilidade textos que descrevem algo que possa ser traduzido em imagens. Um bom exemplo para isso é uma frase de uma reportagem que saiu na edição de 21 de fevereiro de 1994 da revista *Times*. A sentença descreve uma competição de patinação artística nas Olimpíadas de Inverno da seguinte forma: “Todos os elementos estão no seu devido lugar: os refletores, a melodia crescente de valsas e jazz, fadas enfeitadas com lantejoulas ganhando o ar”. Na minha imaginação, vejo a pista de patinação e os patinadores. No entanto, se parar para refletir sobre a palavra “elementos”, farei a ligação inadequada com a Tabela Periódica na parede do laboratório de Química do colégio. Se parar na

palavra “fada” (cuja tradução em inglês é “sprite”), vejo a imagem de uma lata de *Sprite* na minha geladeira, não de uma jovem e bela patinadora.

Professores que trabalham com crianças autistas deveriam entender padrões de pensamento associativo, pois muitas vezes essas crianças irão usar palavras de forma inadequada. Algumas vezes esse uso terá um sentido associativo lógico, outras vezes não. Por exemplo, uma criança com autismo poderá dizer “cachorro” quando quiser ir para o quintal, pois a palavra “cachorro” estará associada à ideia de “ir para o quintal”. No meu caso, consigo me lembrar de usos tanto lógicos quanto ilógicos de palavras inadequadas. Aos seis anos, aprendi a dizer “acusação”. Não fazia a mínima ideia do que aquilo significava, mas a expressão soava bem quando era usada; então, gostava de usá-la como uma exclamação todas as vezes que minha pipa batia no chão. Devo ter confundido um punhado de pessoas quando me ouviam exclamar “Acusação!” à minha pipa descendo em forma de espiral.

Conversas com outros autistas me revelaram que eles usam estilos similares de pensamento visual para executar tarefas que a maioria das pessoas executaria sequencialmente. Um compositor autista me contou que faz “imagens sonoras” usando pequenas partes de outras músicas para criar novas composições. Já um programador de computadores me disse que vê a configuração geral da árvore de um programa, depois visualiza seu esqueleto e, por último, simplesmente escreve o código para cada um dos ramos. Uso métodos parecidos quando revejo bibliografia científica ou quando procuro detectar e corrigir defeitos em instalações pecuárias. Pego observações ou resultados específicos e os combino para encontrar novos princípios básicos e conceitos gerais.

Meu padrão de pensamento sempre vai do específico ao geral através de um processo associativo não-sequencial. É como se eu estivesse tentando desvendar a figura de um quebra cabeças com somente um terço do todo montado e conseguisse completar as peças ausentes fazendo um rastreamento na minha videoteca. Matemáticos chineses que conseguem fazer grandes cálculos de cabeça trabalham da mesma maneira. A princípio, eles precisam

de um ábaco, a calculadora chinesa que consiste em carreiras de fios de arame preenchidos com contas e presos a uma moldura. Seus cálculos são feitos enquanto movem as contas no fio de arame. Quando um matemático adquire bastante habilidade, ele simplesmente visualiza o ábaco na sua imaginação e não precisa mais usar o instrumento de verdade. As contas se movem na visualização de um vídeo do ábaco dentro de seu cérebro.

## **Pensamento abstrato**

Enquanto crescia, aprendi a converter ideias abstratas em imagens para que pudesse compreendê-las. Associava conceitos como paz ou honestidade a imagens simbólicas. Pensava em paz como uma pomba, o cachimbo da paz dos índios ou uma cena da assinatura de um acordo de paz em um noticiário de TV. Já honestidade era representada pela cena de alguém colocando a mão sobre a Bíblia diante do tribunal. Se eu assistisse à notícia sobre alguém devolvendo uma carteira cheia de dinheiro, essa cena passava a ser a imagem de “comportamento honesto”.

A oração do “Pai Nosso” parecia incompreensível para mim até que consegui desmembrá-la em imagens visuais específicas. O poder e a glória eram representados por um arco-íris em semicírculo e por uma torre de transmissão de energia elétrica. Essas memórias de infância ainda são acionadas sempre que escuto essa oração. A expressão “que seja feita a vossa vontade” não fazia o menor sentido para mim naquela época e ainda hoje me soa vaga. Vontade é um conceito difícil de visualizar. Quando penso em “vontade”, imagino Deus atirando um raio. Imaginava “ofensas” (*Trespassing* em inglês, que também significa “invadir”, NT) como as placas de “Proibido Invadir”. A palavra “amém” (cuja pronúncia em inglês soa como *a man*, ou seja, “um homem”, NT) era um mistério: um homem no final não fazia o menor sentido.

Na minha adolescência e juventude, tive que usar símbolos concretos para entender conceitos abstratos como “se dar bem com as pessoas” ou “partir para outra”, os quais me foram sempre difíceis de entender. Eu sabia que era diferente dos meus colegas de colégio, mas nunca fui capaz de entender o que

estava errado. Independentemente do meu esforço, eles sempre zombavam de mim. Chamavam-me de “burro de carga”, “gravador” e “osso puro”, porque eu era bem magra. Naquela época, eu até conseguia entender porque me chamavam de “burro de carga” e “osso puro”, mas “gravador” me deixava perplexa. Agora me dou conta de que eu devia soar como um gravador quando repetia as coisas literalmente por várias vezes. No entanto, naquela época eu simplesmente não conseguia entender qual era o motivo do meu fiasco social. Buscava refúgio fazendo coisas nas quais me destacava, como consertar o telhado do celeiro ou treinar equitação para uma exposição de cavalos. Relacionamentos pessoais não faziam absolutamente nenhum sentido para mim até eu desenvolver símbolos visuais de portas e janelas. Só assim pude entender conceitos como a reciprocidade de um relacionamento. Ainda me pergunto o que teria acontecido comigo se eu não tivesse sido capaz de visualizar meu caminho no mundo.

Meu grande desafio foi a transição do Ensino Médio para a faculdade. Nós, autistas, temos uma dificuldade enorme diante de mudanças. Para lidar com uma mudança tão radical como deixar o Ensino Médio, eu precisava ensaiá-la de alguma maneira. Passei, então, a representar cada fase da minha vida como a passagem através de uma porta, janela ou portão de verdade. Quando estava prestes a me formar no Ensino Médio, costumava sentar no telhado do alojamento estudantil, olhar para as estrelas e pensar em como iria enfrentar a partida. Foi lá que descobri uma pequena porta que levava para um telhado maior, quando meu alojamento estava em reforma. Vi então que, enquanto eu ainda morava naquela casa antiga da região da Nova Inglaterra, um edifício muito maior estava sendo construído em cima dela. Um dia os carpinteiros arrancaram uma parte do telhado antigo que ficava perto do meu quarto. Quando saí, pude então olhar para cima e ver o interior da construção ainda inacabada. No alto de um dos lados, havia uma pequena porta de madeira que levava até o novo telhado. O prédio estava mudando e era a minha vez de mudar também. Aquilo era algo que eu conseguia compreender. Eu tinha achado a chave simbólica.

Quando estava na faculdade, descobri outra porta que simbolizou a preparação para a formatura. Era um pequeno alçapão de metal que dava para o telhado do alojamento estudantil. Tive de passar várias vezes por essa porta para adquirir prática. Quando finalmente me formei, atravessei uma terceira porta, que ficava no telhado da biblioteca.

Não uso mais portas ou portões de verdade para simbolizar cada uma das transições na minha vida. Enquanto escrevia este livro, reli anos e anos de páginas de meu diário e acabei vendo emergir um padrão muito claro: cada porta ou portão me permitiu seguir em frente até o próximo nível. Minha vida era uma série de passos gradativos. Sempre me perguntam qual foi o grande divisor de águas que fez com que eu me adaptasse ao autismo. Não houve um único divisor de águas, mas sim, uma série de melhoras gradativas. As anotações de meu diário mostram muito claramente que eu estava ciente de que, quando superava uma porta, era somente um passo de uma série bem maior. Veja:

22 de abril de 1970

*Hoje tudo se completou na Faculdade Franklin Pierce e agora é hora de atravessar a pequena porta na biblioteca. Reflito agora sobre qual mensagem deveria deixar no telhado da biblioteca para que outras pessoas pudessem achar no futuro.*

*“Cheguei ao topo da escada e agora me encontro no primeiro degrau de um novo ciclo.*

*O topo deste edifício é o lugar mais alto do campus, então já cheguei ao ponto mais distante que poderia chegar até agora. Conquistei o topo da Faculdade Franklin Pierce. Picos mais altos ainda precisam ser conquistados” (Turma de 1970).*

*Atravessei a pequena porta esta noite e coloquei a placa no topo do telhado da biblioteca. Dessa vez não estava tão nervosa. Já estive bem mais nervosa no passado. Agora já consegui, a pequena porta e a*